

FMI vem negociar plano para estabilizar economia

Clima no Fundo é favorável a um acordo, dizem secretários do governo Collor

PAULO SOTERO
Correspondente

WASHINGTON — O diretor do departamento do Hemisfério Ocidental do Fundo Monetário Internacional, Steri Beza, chega a Brasília na terça-feira para iniciar a negociação de um plano de estabilização econômica com o governo Collor.

A informação foi confirmada ontem pelo secretários de Política Econômica, Roberto Macedo, e de Planejamento, Pedro Parente, que passaram a semana em Washington concluindo consultas regulares com o FMI sobre o desempenho passado da economia e preparar as difíceis conversas que começarão na semana que vem.

A volta da missão do Fundo ao Brasil, no momento em que a inflação volta a disparar e a fragilidade política do governo torna-se cada dia mais óbvia, está firmada num cálculo e numa aposta do Ministério da Economia, compartilhada pelos interlocutores externos no Brasil.

O cálculo é que, aconteça o que acontecer, não há alternativa ao que se está fazendo hoje na área externa. A aposta é que, embora o momento pareça ser dos menos favoráveis à negociação de um plano de austeridade, a gravidade da crise que se avizinha forçará o Executivo, os governos estaduais, o Congresso e os líderes empresariais e sindicais a se entenderem sobre um conjunto de medidas inevitáveis para vencer a inflação e criar as bases para a volta do crescimento saudável e continuado da economia.

Macedo e Parente disseram ter recebido sinais positivos do diretor-gerente do FMI, Michel Camdessus, sobre a disposição da instituição de caminhar rapidamente para um acordo. A ambição da equipe econômica é ter um programa fechado, no nível técnico, até a reunião anual do FMI, em meados do mês que vem, em Bangkok, Tailândia.

Macedo e Parente saíram bem impressionados, também, da conversa de meia hora que tiveram, na quinta-feira, com o subsecretário do Tesouro, David Mulford. "O clima é favorável", afirmou o secretário do Planejamento. "O que o Fundo quer saber é se há consistência entre as políticas monetária e fiscal", disse Parente.



Paulo Vitale/AE

Parente: política consistente